
RESENHA

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Império e família em Roma*. São Paulo, Atual, 2000. (A vida no tempo). 32 pp.

Fábio Faversoni
Dep. História - UFOP

O Professor Pedro Paulo Abreu Funari volta a nos brindar com um texto divulgação. Esse é um trabalho orientado para o Ensino Fundamental.¹

O capítulo inicial faz um resumo da história política romana, permitindo ao leitor localizar em que momento cronológico se situa o Principado, que será o período enfocado nos capítulos seguintes. Ainda no primeiro capítulo, merece destaque a apresentação das fontes de que faz uso o historiador da Antigüidade para suas investigações. Essa preocupação se mostra importante, especialmente se considerarmos o público-alvo.

O segundo capítulo se dedica a caracterizar as famílias romanas, apresentadas no plural, diversas conforme as camadas sociais onde se formavam.

O terceiro capítulo segue tratando da família, apresentando como seria o seu dia-a-dia e os papéis que desempenhavam o pai, a mulher, os filhos e demais membros em seu interior. Dá-se destaque, por motivos óbvios, à vida das crianças.

O quarto capítulo mostra a casa em que viviam essas famílias. São mostradas as casas dos pobres e dos ricos, as vivendas no campo e na cidade. O autor faz uma “visita monitorada” com os leitores pelo interior de uma casa. Esse recurso foi muito bem empregado, notadamente tendo em vista a faixa etária dos leitores e sua capacidade de abstração. Nesse mesmo capítulo, saímos da casa

¹ Antes, já havia escrito *Roma, vida pública e vida privada* (de 1994, pela mesma editora); *Cultura popular na Antigüidade Clássica* (de 1989, pela Contexto, que ganhou versão espanhola dois anos depois, pela editorial gráficas Sol); *Arqueologia* (Ática, 1988) e *Antigüidade Clássica*. A História e a cultura a partir dos documentos (pela editora da Unicamp, coleção Livro-Texto, em 1995).

e “passeamos” pela cidade, quando o autor, mais uma vez, emula um guia.

O quinto capítulo mostra que o mundo romano era maior e mais variado do que Roma ou o centro-sul da Itália, que serviu de matéria-prima para os capítulos anteriores. Destaca-se que as cidades eram as bases organizacionais comuns ao Império como um todo e que a rede de estradas, a comunicação por mar e um comércio intenso mantinha essas largas porções de terras e a multidão que vivia nelas em contato. Contudo, diferenças étnicas e identidades locais e regionais foram preservadas no interior da unidade representada pelo Império.

O último capítulo, conclusivo, consolida o trajeto percorrido e mostra que, entre o mundo longínquo – espacial e territorialmente falando – representado pelos romanos e nosso presente, há muitas continuidades, em que pesem todas as diferenças. Destaca que é pelo exame dessas rupturas e continuidades que podemos aprender mais sobre eles e sobre nós; que é esse o trabalho do historiador.

O encadeamento dos capítulos, como se nota, não é casual, mas montado com critério. De um enquadramento inicial, parte-se do que é particular para o que é mais geral. Essa alternativa é, sem dúvida, a mais adequada. Foi uma escolha muito feliz.

Ao final da leitura, muito agradável, fiquei com a impressão de que faltou muita coisa.

Por exemplo, ainda que o título não precise isso, o livro trata do Alto Império Romano, exclusivamente, sendo que o tratamento diacrônico, explorando as transformações vividas no interior dessa sociedade, não recebe qualquer destaque. Trata-se de um Império que, unitário, comportava e incorporava diferentes tradições culturais, como se destaca no penúltimo capítulo, e, assim, famílias diferentes. Mas essas outras famílias “romanas” não são apresentadas. Do mesmo modo, não se dá atenção ao fato de que os historiadores têm criado diferentes visões da família romana. Há uma visão única no livro, aquela que parece mais adequada ao autor, e a polêmica historiográfica desaparece. Não se estimula o gosto pelo debate de diferentes interpretações, nem se deixa claro que o que se tem ali não é um passado “tal qual aconteceu”. Esses são exemplos que poderiam ser multiplicados. Mas essas ausências podem ser

tomadas como uma falha do autor na composição da obra? A meu ver, não. Bastará tentar escrever em apenas trinta e duas páginas tudo o que se considere pertinente e relevante sobre esse tema (ou qualquer outro similar) para se perceber a impossibilidade de ser exaustivo, pluralístico, detalhado e tudo mais quanto se queira ao mesmo tempo.

Em conclusão, o livro de Funari apresenta uma importante contribuição para a divulgação do conhecimento. Trata-se de um livro bem escrito, cuidadosamente construído. E, mais importante, é bem melhor que o livro que esse resenhista não escreveu no parágrafo acima, mas quis ver na obra resenhada. Os livros ideais são os piores do mundo, pois não podem ser lidos por ninguém.